

# Verdade Versus Tradição

(Marcos 6:53–7:30)

Joe Schubert

Toda a comunidade judaica se estabeleceu em cima de tradições do passado tão duradouras e indestrutíveis. No Evangelho de Marcos há uma cena sugestiva que assinala um total contraste entre Jesus e os escribas e fariseus. A todo o tempo, o ministério de Jesus estava repleto de homens e mulheres amáveis e solícitos, embora os escribas e fariseus viessem armados de suas tradições, querendo deter o ministério de nosso Senhor.

As palavras finais de Marcos 6 descrevem o tipo de ministério em que Jesus estava engajado. Marcos registra o seguinte:

Estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré, onde aportaram. Saindo eles do barco, logo o povo reconheceu Jesus; e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava. Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados (vv. 53–56).

Este é um belo quadro dessa fase do ministério do nosso Senhor. O povo estava levando seus doentes até Jesus para que eles tocassem na orla da Sua veste. E Marcos diz que “quantos a tocavam saíam curados”.

## A TRADIÇÃO E DEUS (7:1–8)

Em contraste com essa cena, Marcos se volta para um grupo de fariseus e escribas que haviam chegado à Galiléia para investigar Jesus e Seu ministério. Os primeiros quatro versículos do capítulo 7 descrevem isto:

Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém. E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar (pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas])... (vv. 1–4).

Este parágrafo introduz o poder e efeito das tradições. Evidentemente, a popularidade de Jesus foi uma notícia de grande repercussão. Os sumos sacerdotes e os líderes dos judeus em Jerusalém ficaram incomodados com as notícias. Eles foram à Galiléia com a intenção específica de encontrar algo no ministério de Jesus que pudessem usar para se oporem a Ele. Encontraram o que procuravam no fato de Jesus e Seus discípulos não observarem uma determinada tradição. Se eles conseguissem expor isto claramente ao povo, poderiam fazer as multidões se voltarem contra Jesus. Como as tradições eram importantes para o povo judeu! Os judeus diziam: “As tradições devem ser observadas sob quaisquer circunstâncias!”.

A tradição que aqueles homens decidiram salientar foi esta: lavar as mãos conforme era prescrito antes das refeições. Quando observaram Jesus e Seus discípulos, viram que alguns deles não lavavam as mãos antes de comer, como estava prescrito. Os fariseus ficaram indignados com isto. Não estavam falando de higiene, mas de uma tradição. Segundo os judeus, uma pessoa podia ter lavado as mãos com os melhores sabões disponíveis, podia ter esfregado as mãos como um cirurgião ao se preparar para uma cirurgia, e ainda não estar cerimonialmente limpa.

Era um rígido costume entre os judeus lavar as mãos de determinada maneira. Antes de tudo, eles viravam as palmas das mãos para cima e as batiam levemente. Enquanto a água era derramada sobre uma mão, o punho de uma era usado para esfregar a palma da outra. A seguir, com a água ainda escorrendo sobre as mãos, a outra mão era lavada da mesma forma. Depois disso, viravam as mãos e, com os dedos apontados para baixo, derramavam água fresca por cima de ambas as mãos para lavar a água contaminada deixada pela primeira esfregação. Sem essa cerimônia ritualista, uma pessoa era considerada impura. O indivíduo poderia estar higienicamente limpo, mas ritual e cerimonialmente impuro. Isto estava

tão arraigado aos costumes judaicos que quando um rabino era preso por alguma acusação, ele usava a água de beber que lhe era entregue em sua cela solitária para lavar as mãos cerimonialmente e quase morria de sede.

Essas tradições, suponho eu, começaram da maneira certa. Por exemplo, eram simplesmente uma tentativa de se aplicar a Lei de Moisés. O livro de Levítico de fato exigia a realização de determinadas lavagens com o fim de ensinar ao povo como lidar com o pecado. Esse era o intuito dessas observâncias exteriores da Lei de Moisés. O verdadeiro motivo delas era mais profundo do que a simples cerimônia externa. Mas os sacerdotes judeus começaram a apresentar certas sugestões quanto à maneira de lavar as mãos e, depois, acrescentaram interpretações das interpretações da Lei. Assim, no decorrer dos anos, acumulou-se uma soma de tradições, determinando cada detalhe de como cumprir as exigências da Lei. Essa soma de interpretações é conhecida como a lei oral dos judeus.

A passagem também menciona uma lavagem de copos, jarros e vasos de metal, que poderiam estar impuros. O Mishná, a tradição escrita dos judeus, contém nada menos que doze prolongados tratados sobre os tipos de impurezas, detalhando quais tipos de utensílios poderiam se tornar impuros. Uma mesa de quatro pernas poderia se tornar impura, mas uma mesa de três pernas não. Casualmente, a palavra grega equivalente a lavar nesta passagem de Marcos é a mesma de onde vem a nossa palavra *batizar*. Ambas as palavras denotam a idéia de imergir completamente um objeto em água, não meramente aspergir.

Para os escribas e fariseus, essas regras e regulamentos eram a essência absoluta da religião. Observá-los era agradar a Deus. Violá-los era pecar. Jesus e essas pessoas falavam duas línguas diferentes. Jesus jamais se utilizava dessas rígidas tradições humanas. A idéia que Jesus tinha de religião era bem diferente da que os escribas e fariseus tinham.

Sendo assim, Jesus censurou Seus acusadores na próxima seqüência de versículos:

...interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar? Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens (vv. 5-8).

Neste pungente episódio, Jesus está de fato acusando os escribas e fariseus de dois pecados específicos.

*Em primeiro lugar, Ele disse que eles eram culpados do pecado da hipocrisia.* Usando as palavras de Isaías, Jesus disse: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”. O judeu legalista da época de Jesus podia cultivar ódio por seu semelhante, inveja, ciúmes, rivalidade, amargura e raiva, mas era considerado justo se cumprisse as tradições dos anciãos. O legalismo, ontem e hoje, tende a enfatizar os atos exteriores do homem, mas negligencia o coração. No cristianismo, porém, o centro de tudo é o coração. Muito tempo atrás, Samuel disse: “...o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Samuel 16:7). O cristianismo não deve ser identificado com atos religiosos exteriores. Um homem bom é fruto de um coração bom. A pergunta fundamental é esta: Qual é o estado do coração de uma pessoa para com Deus? Se ódio, amargura, ressentimento, ciúmes, inveja e rivalidade habitarem os nossos corações, todas as nossas observâncias religiosas não agradarão a Deus. Era isto que Jesus estava dizendo a respeito dos fariseus.

*Em segundo lugar, Ele disse que aqueles judeus legalistas faziam de suas próprias tradições humanas uma autoridade tal qual a Palavra de Deus.* Disse Jesus: “E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (v. 7). Aqueles judeus cometeram o erro de dar às engenhosas interpretações de seus peritos em lei tanta importância quanto davam ao que o Próprio Deus dissera. Fico maravilhado ao ler os Evangelhos e ver neles a objetividade da linguagem de Jesus. Marcos 7 é um caso desses. De fato, o relato paralelo em Mateus 15, diz que depois desse incidente os discípulos foram ter com Jesus dizendo: “Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?” (Mateus 15:12). Sim, Jesus escandalizou, ou seja, ofendeu os fariseus. Ele o fez com plena ciência do que eles estavam fazendo. Se Jesus estivesse ensinando ao povo religioso da nossa época, será que ele faria as mesmas repreensões às doutrinas e às práticas religiosas de hoje? Em que parte do Seu Livro Sagrado, Deus ordenou os atos e as tradições que homens e mulheres estão praticando e promovendo hoje em forma de religião? Com que autoridade homens têm introduzido numerosas doutrinas na religião? O que Jesus diria das incontáveis opiniões humanas que têm tomado o lugar dos claros ensinamentos da Palavra de Deus? O Espírito Santo até previu que aconteceria esse preciso tipo de apostasia. Em 2 Timóteo

4:3 e 4, Ele disse: “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”.

### **A TRADIÇÃO E OS RELACIONAMENTOS (7:9–13)**

No trecho seguinte de Marcos 7, Jesus pinta um quadro vívido do que o tradicionalismo faz aos relacionamentos básicos de uma pessoa com os indivíduos mais chegados a ela. Jesus dirige Seu argumento ao lar com uma ilustração sobre os pais de um indivíduo. Diz Ele nos versículos 9 a 13:

Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse:

Honra a teu pai e a tua mãe;

e:

Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.

Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.

A Lei de Moisés dizia: “Honra teu pai e tua mãe” (Êxodo 20:12). Esse mandamento significava mais do que apenas ser amável com eles. Significava também cuidar deles, especialmente à medida que envelhecessem.

Os judeus tinham inventado uma forma sagaz de escapar das responsabilidades com os familiares. Jesus chamou isto de uma forma esperta de negligenciar o mandamento de Deus. Diziam o seguinte do dinheiro que poderiam usar para ajudar seus pais: “Este dinheiro é Corbã”. Corbã é uma palavra aramaica que significa “consagrado a Deus”. Diziam eles: “Eu gostaria de ajudar vocês, pai e mãe, mas não posso porque o dinheiro que eu ia usar para ajudar vocês foi consagrado ao meu Deus. Com certeza, vocês não vão querer que eu dê a vocês o dinheiro que separei para Deus”.

Quando se declarava que um objeto era Corbã, ele não podia ser usado para propósitos comuns. Ele pertencia a Deus e o voto era irrevogável. Os judeus fugiam do dever de cuidar dos pais usando essa tradição. Se uma pessoa declarava seus recursos como Corbã, consagrando-os a Deus, então esses recursos não poderiam ser usados para

ajudar seus pais. O voto era inviolável e, por isso, abria uma lacuna para tal irresponsabilidade.

Os judeus ignoravam a profunda verdade de que toda a vida é Corbã ou consagrada a Deus. Jesus insistiu em que a maneira como consagramos alguma coisa a Deus é usando-a para atender a uma necessidade humana. Jesus tinha certeza de que qualquer regra ou regulamento que impedisse uma pessoa de ajudar outra que estivesse em franca necessidade de ajuda era uma absoluta contradição da vontade de Deus. Nada que nos impede de ajudar outro ser humano pode ser uma regra aprovada por Deus. É por isso que é tão sem sentido a doutrina que diz: “Meu filho, que corre risco de vida, não pode receber uma transfusão de sangue porque isto é contra a vontade de Deus”. Nada poderia estar mais longe da verdade da Palavra de Deus.

### **A TRADIÇÃO E O CORAÇÃO (7:14–23)**

Jesus passa a tratar da causa de tudo isto. Ele disse: “O problema está no coração”. Os versículos 14 a 23 dizem:

Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina. [Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.] Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola. Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros todos os alimentos. E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.

Embora esta passagem não soe assim agora, quando proferida pela primeira vez, ela era absolutamente revolucionária. Jesus acabara de discutir com os peritos na lei sobre as interpretações tradicionais que eles davam à Lei. Ele mostrara a completa irrelevância da lavagem ritualista das mãos. Também mostrara como a rígida observância das tradições pode levar a uma absoluta violação da Lei de Deus. Mas, nesta passagem, Ele disse algo ainda mais surpreendente. Ele declarou que nada que entra num ser humano pode contaminá-

lo, porque aquilo que nele entra é recebido somente pelo corpo e não pelo coração. Nenhum judeu acreditava nessa verdade até então, e nenhum judeu ortodoxo de hoje acredita nela. Levítico 11 apresenta uma extensa lista de animais que eram impuros e proibidos como alimento. Os judeus não comiam a carne desses animais porque eles eram impuros. A afirmação de Jesus em Marcos 7 aniquilava de uma só vez as distinções de puro e impuro que haviam guiado o comportamento dos judeus durante centenas de anos. Não é de admirar que eles tenham ficado surpresos. Na verdade, Jesus estava dizendo que objetos e animais não podiam ser puros ou impuros. A única coisa que podia tornar algo impuro era a pessoa, e a única maneira de uma pessoa tornarse impura era através do que ela fazia ou pensava. Essa era uma doutrina nova e inquietante.

Deus estava preocupado com a pureza espiritual interior. Jesus insistiu no fato de que a pureza espiritual e moral é muito mais importante do que qualquer observância exterior.

#### **A TRADIÇÃO E A NECESSIDADE HUMANA (7:24–30)**

Marcos prossegue relatando outro incidente que, à primeira vista, parece ser sobre um assunto inteiramente diferente. Mas de fato não é. Trata-se exatamente do mesmo ponto. Vejamos essa relação nos versículos 24 a 30:

Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom]. Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse; no entanto, não pôde ocultar-se, porque uma mulher, cuja filhinha estava possuída de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio. Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, porém, lhe respondeu: Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças. Então, lhe disse: Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha. Voltando ela para casa, achou a menina sobre a cama, pois o demônio a deixara.

Qual é a relação? A história da filha da mulher siro-fenícia está ligada ao episódio que acabara de suceder porque havia um outro frágil desvio das tradições aceitas naqueles dias. Ali estava uma demonstração prática do sermão de Jesus. Intencionalmente, Jesus foi ao território dos gentios para declarar com isto que Ele viera para buscar, salvar e amar a todos. Ele, deliberadamente, foi para aquele país

gentio como uma parábola viva, um sermão vivo.

Uma mulher gentia procurou Jesus, implorando-Lhe que curasse a sua filha. À primeira vista, a resposta de Jesus a ela parece quase ríspida. No versículo 27, Ele disse: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-los aos cachorrinhos”.

Gostaria de dizer três verdades sobre a resposta de Jesus que nos ajudarão a entendê-la melhor. Em primeiro lugar, estou absolutamente convencido de que esse diálogo entre Jesus e a mulher gentia ocorreu primeiramente em benefício dos discípulos. Jesus queria que eles ouvissem o que Ele disse e vissem o que Ele fez. Mais tarde, Ele perguntaria a eles o significado daquilo. Em segundo lugar, a palavra que Jesus usou para “cachorrinhos” não é o termo grego comum para “cães”, referindo-se aos cães de rua. Jesus usou um termo diferente, um diminutivo que se referia aos filhotes de cães domesticados. Ao utilizar esse termo mais amável, Ele abrandou o sentido da palavra *cachorro*. Em terceiro lugar, nós não estávamos lá e não podemos ouvir o tom em que Ele falou. Podemos chamar um idoso de “velhinho” num tom de desprezo ou de afeição. O tom de voz faz toda a diferença. Não sabemos qual foi o tom de voz usado por Jesus, mas eu tenho certeza de que Ele falou com brandura.

Jesus, de fato, disse à mulher: “A salvação pertence primeiro aos judeus. É certo tirar o alimento destinado primeiramente aos filhos, os judeus, dando-os aos seus cães de estimação, os gentios?” O sentido era este: “Eu sou judeu, senhora. A senhora sabe o que os judeus pensam de pessoas como a senhora. Eles se vêem como filhos de Deus e vêem vocês como cães. O que a senhora me diz disso?” A mulher pegou a isca e mostrou-se à altura da situação. “É verdade”, respondeu ela. “Os filhos devem comer primeiro, mas até os filhos alimentam os cachorrinhos embaixo da mesa com as migalhas que sobram”. Marcos diz que por causa dessa resposta, Jesus curou a filha dela. Parece que Jesus ficou tremendamente impressionado com o raciocínio e a fé persistente daquela mulher. Quando a mulher voltou para casa, encontrou a filha recuperada.

Imagino que, mais tarde, quando Jesus e os discípulos estavam sozinhos, Ele tenha dito a eles: “O que vocês entenderam de tudo o que ouviram e viram hoje?” Eles devem ter tido muito o que pensar, não é? Mais uma vez, Jesus rompeu com tradições. Ele se preocupou com um estrangeiro e ajudou, curou e mostrou compaixão por um gentio. Os discípulos tinham de juntar tudo isto em suas

mentes. As implicações desses episódios eram poderosamente claras para eles e para nós também.

### CONCLUSÃO

Quais tradições e preconceitos você tem abrigado em seu coração que o impedem de amar e ajudar determinadas pessoas? Você já escolheu uma pessoa de quem você não gosta e praticou um ato de bondade para com ela? Você já concentrou sua atenção em alguém cujas crenças e práticas religiosas são bem diferentes das suas e praticou algum ato bondoso para com essa pessoa de propósito?

Creio que todos nós devemos estar surpresos

diante das barreiras que permitimos que se levantassem em nossos corações. A questão da verdade *versus* a tradição culminou na cruz. Jesus não preencheu os padrões predeterminados dos judeus. Ele não concordou com as interpretações tradicionais que eles davam ao Antigo Testamento. Crucificaram Jesus porque preferiram a tradição à verdade. Essa mesma escolha deve ser encarada por todos nós hoje. Cada um de nós precisa decidir se a autoridade básica para governar as nossas vidas será a verdade ou a tradição. Raramente, senão nunca, as duas são a mesma coisa. Mas uma certeza te-mos: sabemos que só a verdade pode nos libertar. †

©Copyright 2005, 2006 by A Verdade para Hoje  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS